

DEZ BONS CONSELHOS DE MEU PAI: A LEITURA DA LITERATURA ENQUANTO PERSPECTIVA DE ENUNCIÇÃO DO SUJEITO

Maria da Conceição Pinheiro Araújo¹
Wallace Matos da Silva²

Resumo: o artigo apresenta parte dos resultados de um projeto maior intitulado “João Ubaldo Ribeiro da Baía de Todos os Santos e de todos os lugares”, desenvolvido por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA - Campus de Salvador) Grupo de Estudos Literários e Contemporâneos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus Salvador), no Núcleo de Leitura da Obra de João Ubaldo Ribeiro, instalado no Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro, localizado no município de Itaparica, na Bahia. Utilizando categorias teóricas da Análise do Discurso, o texto apresenta uma discussão sobre a literatura infantojuvenil, focalizando a recepção da obra *Dez bons conselhos de meu pai* (2011), de João Ubaldo Ribeiro (1941/2014) entre os alunos. O resultado do trabalho revelou que a receptividade da proposta das oficinas possibilitou aos estudantes reconstruir suas leituras, produzir novos textos, ressignificar seus argumentos, transformando esses momentos de enunciações propostos pelos encontros em práticas efetivas de uso social da linguagem.

Palavras-chave: núcleo de leitura; João Ubaldo Ribeiro; Análise do Discurso.

MY FATHER'S TEN PIECES OF ADVICE: A READING LITERATURE AS SUBJECT ENUNCIATION PERSPECTIVE

Abstract: the article presents the work of researchers from the Language and Representation Research Group (IFBA / Campus / Salvador), Group of Literary and Contemporary Studies (UEFS) and Bahia State University (UNEB - Campus Salvador) in the Reading Center of João Ubaldo Ribeiro, located in the municipality of Itaparica, Bahia. The text presents a discussion about childrens and adolescent literature, focusing on the work *My father's ten pieces of advice* (2011), by João Ubaldo Ribeiro (1941/2014), from the students' reception perspective regarding the work of the author from Itaparica, using theoretical categories of Discourse Analysis. The result of the study revealed that the receptivity of the workshops proposal allowed students to rebuild their readings, produce new texts and reframe their arguments, turning those

¹ Dra. pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA - Campus de Salvador). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Linguagens e Representações (IFBA).

² Docente do IFBA - Campus de Salvador. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Linguagens e Representações (IFBA).

moments of utterances, proposed by the meetings, in effective practices of social use of language.

Keywords: Reading Center; João Ubaldo Ribeiro; Discourse Analysis.

Ouvir histórias é uma prática comum nas classes menos favorecidas, talvez não aquela contação tradicional de leitura de livros impressos, mas as histórias orais, passadas de geração em geração, como histórias de Trancoso, de assombração, jocosas, de pactos, “labisomens”, de esculhambação, de mentirosos e ótimos narradores, e de “putaria”. Talvez seja até um engano dizer qual classe conta mesmo mais histórias, afinal nós temos densos lugares de conotação: calçada, cozinha, caminhada, mesa de bar, etc. Assim, a prática de leitura de livros é menos comum, devido a diversos fatores, financeiro particularmente, porque livro no Brasil é muito caro. É fato, portanto, que estas classes não tiveram acesso privilegiado à leitura mas, com muito esforço e determinação, deram livros aos seus filhos.

Os autores deste texto e muitos outros que conhecemos são prova disso. É uma gente corajosa, insistente, resistente e resiliente que – apesar de analfabeta ou ter frequentado por pouco tempo os bancos escolares – sabiamente, olhando o mundo ao seu redor, compreendeu que os filhos só poderiam “vencer na vida, se estudassem”, e por isso comprou e compra-lhes livros. Está registrado na memória de muitos de nós, os filhos dessa geração, o dia em que ganhamos uma prateleira de madeira, repleta dos clássicos da literatura mundial, que era oferecida “de porta em porta” por vendedores da Editora Abril. O mundo se descortinava. Começávamos a viagem “por mares nunca dantes navegados” e nunca mais paramos. A nossa convicção é de que a leitura é um processo, um exercício que se aprende, alimenta e solidifica na infância, misturada e integrada ao rico acervo oral que nunca é negado por aqueles que tiveram acesso a esta leitura, digamos, por falta de outra palavra, “informal”. Assim, os esforços são para fazer desse acervo um paradigma que supere o limite e a ineficiência intelectual que os conhecimentos escolares demonstram a todo momento.

Os filmes, minisséries e novelas – e aqui particularizamos a programação da televisão aberta, à qual os desfavorecidos economicamente podem ter acesso – fazem a representação de cenas de leitura da seguinte forma: mães e pais de famílias abastadas,

convencionais e intelectualizadas, leem para embalar o sono e os sonhos de seus filhos. A classe desfavorecida não se vê contemplada nesse universo. Assim, a ficção hegemônica não assume o compromisso político de disseminar a ideia da leitura como ferramenta indispensável para a transformação social. E, nas raras vezes em que isso acontece, a mídia pratica estéticas muito distantes daquelas que o público domina ou o que deseja mesmo é falar a outro público, que não está sintonizado com a sua programação. Assim, quem falha é a emissora e não o telespectador.

Aqui poderíamos falar de todos os empecilhos para a prática da leitura nas classes populares, desde a falta de dinheiro, ambiente propício, estímulo das famílias, entre tantos outros. Mas não vamos nos aprofundar aqui nessas questões, não é objetivo desse texto. Apesar de todas as dificuldades, e de toda a pesquisa negativa sobre a leitura no Brasil – haja vista a quantidade de vezes que ouvimos, particularmente nos noticiários televisivos, o anúncio de que em nosso país “os jovens pouco leem e, quando o fazem, não sabem interpretar”, caso dos “analfabetos funcionais” –muitos aprendem que a leitura, que se traduz em conhecimento, é o único caminho para a libertação, superação das dificuldades, realização pessoal e profissional, transformação social. Afinal de contas, não podemos esquecer de que nossa educação foi formada dentro de um sistema capitalista, que favorece a classe dominante com objetivos e finalidades que atendem aos interesses dessa classe. Assim, um projeto de escola democrática precisa instalar a diferença. Traçamos à luz um texto que, apesar de publicado em 1985, ainda é muito atual.

Logo, a meu ver, há dois níveis de reivindicações, em relação à classe dominante: a) de um lado, deve-se reivindicar politicamente a apropriação dos seus instrumentos de conhecimento. b) de outro, deve-se, efetivamente, elaborar formas de conhecimento crítico que não são meras reproduções de formas de conhecimento legítimo, mas que derivem de um conhecimento efetivo do aprendiz, em suas condições. (ORLANDI, 1995, p. 211)

Foi pensando nos filhos desse grande contingente de cidadãos/cidadãs que não têm acesso a livros, que pensamos um projeto, em uma escola de periferia, focalizado na leitura. Podemos aqui voltar a outro livro muito lido por todos nós, discentes dos cursos de Letras na década de 90. As sábias palavras de Marisa Lajolo (1999, p. 108-109) ganham força quando pensamos no papel da escola e do professor como mediadores da leitura.

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livros e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e marketing.

Assumindo as palavras de Lajolo como base metodológica para a nossa empreitada, criamos o Núcleo Permanente de Leitura da Obra de João Ubaldo Ribeiro, instalado no Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro (CEJUR), localizado na Ilha de Itaparica, Bahia. Esta é a principal ação integradora do Projeto “João Ubaldo Ribeiro da Baía de Todos os Santos e de Todos os Lugares” (edital Fapesb 009\2012 e termo de outorga e PET 0024/2012), que tem como objetivo principal a leitura da obra do referido escritor itaparicano, falecido em 2014. Voltada a resgatar memória cultural, histórica e imagética dos municípios de Itaparica e Vera Cruz, a ação considera a leitura numa perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar, contando com o envolvimento de docentes de três instituições: IFBA, UEFS e UNEB, de diferentes áreas do conhecimento: Linguística, Literatura, Geografia, História e Arquitetura.

A solenidade de abertura do Núcleo ocorreu no dia 02 de setembro de 2013, com participação da comunidade escolar, de pesquisadores do projeto e da Prof.^a Rita Olivieiri-Godet, principal estudiosa da obra de Ubaldo Ribeiro e docente da Universidade de Rennes, na França. Para a instalação do projeto, fizemos reuniões nas quais apresentamos e discutimos a proposta com os professores, direção da escola e alunos. No primeiro encontro, foram envolvidos cinco professores que ministravam as disciplinas de Sociologia, História, Português e Matemática. Trabalhamos, no período 2013/2014, com 06 turmas (7^a A; 8^a A, B, C; 2^o B e 3^o A), com um total de 144 alunos.

O acervo para leitura foi constituído dez títulos, entre eles, um de literatura infanto-juvenil – *Dez bons conselhos de meu pai* (2011)). Na verdade, a ideia do grupo de pesquisadores era que comprássemos os três livros de literatura infanto-juvenil de João Ubaldo Ribeiro: além do citado acima, incluímos *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1986) e *A vingança de Charles Tiburone* (1990). Mas, infelizmente, eles não foram encontrados em livrarias de Salvador, o que foi entrave para o nosso projeto. A metodologia usada foi de encontros semanais para uma hora de leitura, com

preenchimento de diários de leitura e, no final do ano, a oferta de oficinas para discussão e produção de textos escritos, a partir das observações feitas nos diários. Esses textos estão passando por um processo de leitura e revisão para que sejam publicados.

Em *Dez bons conselhos de meu pai*, o romancista João Ubaldo Ribeiro, considerado um dos escritores mais importantes do país e autor de livros indispensáveis na literatura contemporânea, traduz em pequenos enunciados, porém essenciais, o resumo das diretrizes de vida mais importantes passadas por seu pai. Os conselhos são:

1. NÃO SEJA TUTELADOR;
2. NÃO SEJA COLONIZADO;
3. NÃO SEJA CALADO;
4. NÃO SEJA IGNORANTE;
5. NÃO SEJA SUBMISSO;
6. NÃO SEJA INDIFERENTE;
7. NÃO SEJA AMARGO;
8. NÃO SEJA INTOLERANTE;
9. NÃO SEJA MEDROSO;
10. NÃO SEJA BURRO.

Em 2011, João Ubaldo concedeu entrevista à *Revista Crescer*, na qual conta a história do referido livro, que teria acontecido cerca de 30 anos antes de sua publicação. Destaca-se a afirmação do autor em resposta à pergunta da entrevistadora sobre o impacto do livro nos leitores:

imagino que esses conselhos, não que eles sejam acatados na íntegra, mas acho que eles servem como tópicos de discussão em classe, numa época em que se questionam padrões éticos, morais, etc. Se questiona a participação do indivíduo na vida pública, os políticos assim por diante. Eu acho que se esses conselhos levarem a algum debatezinho, entre estudantes e professores ou pais e estudantes, pode ser útil. (ROGERIO, 2011, p. 1)

Essa possibilidade encetada por João Ubaldo aconteceu no CEJUR. O livro foi lido por 74 alunos e discutido por eles e pesquisadores do projeto nas *Oficinas de Produção Textual*. Vários temas surgiram e a leitura fez, particularmente, com que eles pensassem sobre a sua relação com o pai. Muitos falaram sobre a ausência da figura paterna e de como sentiam esta falta. Outros destacaram a importância do respeito ao

pai e, conscientemente, assumiram que, muitas vezes, não davam a devida importância ao que o pai dizia. Alguns contaram casos de filhos que não ouviram os conselhos do pai e “se deram mal”.

Bakhtin (2010, p. 72) orienta que “para se observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social”. Nessa assertiva, o grande teórico russo sugere que a linguagem seja analisada como um organismo vivo, vinculado à língua e à fala, e que, para isso, algumas condições são necessárias para que ela se organize como tal: a unicidade do meio social e a do contexto social imediato. Em outras palavras, é preciso situar o sujeito, no meio social a que pertence, numa mesma comunidade linguística, observando a integração entre dois sujeitos numa situação social imediata. Assim, reproduzimos o recorte de alguns enunciados oriundos de textos produzidos pelos alunos das turmas de 6ª e 8ª séries e/ou 7º e 9º anos, nas oficinas realizadas pelos pesquisadores. Cardoso (1999, p. 54) propõe que, na prática de sala de aula, as aulas “de língua materna num momento privilegiado de interação em que interlocutores verdadeiros (professores e alunos) tem o que dizer e o dizem por meio de sua língua, que é tomada como uma atividade, um processo criativo que se materializa em enunciações”. As oficinas tinham o objetivo de promover e realizar as impressões deles, à medida que realizavam a leitura do livro. Esses enunciados revelam processos da interação dialógica dos alunos com o livro e, principalmente, com a vida, efetivando a perspectiva bakhtiniana da linguagem para a vida, em outras palavras, uma linguagem em uso.

Os enunciados selecionados foram agrupados em temáticas conforme as similaridades de recepção discursiva do livro para os enunciadores. Dessa forma, destacamos discursividades que são transversalizadas nos textos produzidos através das vozes enunciativas. No excerto abaixo, Enunciador 1 (denominado de E1) seleciona dois conselhos que remetem às vivências dele: uma relação de ordem familiar e outra de ordem extra-familiar.

Bom comecei a ler este livro por conta de eu ter achado interessante e todos estarem falando bem dele e quando eu comecei a ler eu logo de cara gostei dele. Ele é uma forma de mostrar como um pai é um ser importante para um filho. Por exemplo, o 4 conselho: não seja ignorante. Ele deu esse conselho para o filho para que ele não venha a perder as amizades, e eu me identifico muito com esse. Isso me faz

lembrar de meu pai, meu avô, dos conselhos que eles me dão. O 6º conselho também foi o que me chamou a atenção que é não ser indiferente em relação ao semelhante ou o que nos rodeia. Eu já li outros livros de João Ubaldo, como o rei da noite e já podeis da patria filhos. Todos foram bons e interessantes mas esse foi o que eu mais me identifiquei por causa da historia. É como se eu fosse o personagem que vive todos esses conselhos do pai, para ser feliz por toda a vida. (E1 – 8ª série)

No enunciado acima, com relação ao conselho número 4, aparecem vozes da autoridade familiar, materializada no pai e no avô, que revelam ensinamentos e a importância da figura masculina na formação constitutiva do enunciador na sociedade. Essa constatação produz um efeito de sentido discursivo machista. A valorização da figura do masculino e o uso das expressões “meu pai” e “meu avô” refletem o comportamento de dominação do homem. Há um mecanismo de desvalorização da condição da mulher por meio do apagamento da figura feminina no enunciado em destaque, ou seja, a relação estabelecida apresenta a relação de gênero desprestigiada, dada a condição e valorização das figuras masculinas. E1, quando destaca o conselho número 6, não apresenta um argumento para a escolha. Essa ausência é passível de diversas compreensões e significações, principalmente porque há uma relação entre ser indiferente e ser ignorante. Em ambos os casos, podemos depreender que o princípio da cordialidade deve prevalecer nas interações sociais tal como lhe foi ensinado pelos seus familiares.

O segundo enunciador (E2) desloca a discussão para o conselho “NÃO SEJA BURRO” e estabelece uma relação de causa e consequência para a opção escolhida do conselho:

No livro de João Ubaldo, para mim o conselho mais experiente é não ser burro, pois a inteligência é uma coisa que sem ela não vivemos, O máximo que podemos conseguir sem ela é um trabalho de gari, varrendo o chão ou recolhendo lixo da rua. Nós dessa geração ainda pegamos um bom tempo pois se fosse antigamente nem isso iríamos conseguir. Por isso acho o conselho de João Ubaldo muito importante, pois quem gostaria de passar fome por falta de estudo e trabalho? Ninguém, por isso, esse conselho é muito bom para mim. (E2 – 6ª série)

E2 exalta a voz da autoridade de João Ubaldo quando reconhece a relevância da escolarização na vida do indivíduo. Ele revela que, como consequência, a ignorância leva à falta de oportunidade e de melhor inserção no mercado de trabalho. Há um jogo

discursivo entre “eu” e “nós”. Essas vozes são representativas e significativas porque as consequências no âmbito da individualidade são relacionadas a atividades laborais de menor prestígio social, devido ao fato de desenvolver uma atividade intelectual, por não exigir, necessariamente, um conhecimento. Nota-se a presença de um discurso historicamente construído de desvalorização e desmerecimento das atividades que não sejam as intelectualizadas. Essa realidade amedronta e cria um cenário de vitimização desse sujeito que, em seu imaginário, anseia por melhores condições de vida. A possibilidade de ser privado do direito básico de subsistência humana, que é o alimento, marcado linguisticamente através do questionamento realizado por ele, reforça o argumento da necessidade do conhecimento.

Diferentemente da perspectiva de E2, o terceiro enunciador (E3) ensaia um discurso altruísta, valorizando outro conselho, o que trata da tolerância à diversidade humana:

Podemos observar nesse livro o pai dando conselho a seu filho desde a infância. Eu achei muito importante a parte em que ele fala não seja intolerante porque eu aprendo desde minha infância e isso me fez ficar mais forte e, mais confiante porque às vezes as pessoas querem colocar você pra baixo ou ser melhor que você. Então, alegre-se com a diversidade humana. Isso nos ensina a ser feliz a cada dia da nossa vida, ter um amigo por perto ou uma pessoa que você possa confiar pra não se sentir sozinho ou isolado, sem ninguém do seu lado. Então o pai ensina a seu filho João Ubaldo Ribeiro as coisas boas e ruins. Ensina também a mostrar o caráter das pessoas e a procurar honestidade nas outras pessoas, porque se você não for honesto ninguém nesse mundo vai confiar em você e então seja honesto e feliz, lembre você é capaz. (E3 – 8ª série)

No enunciado acima, nota-se que o discurso patriarcal protagoniza os argumentos elencados pelo enunciador. Daí, estabelece-se relações que, necessariamente, não estão vinculadas ao discurso de valorização da tolerância. O protagonismo do pai e seus ensinamentos reforçam a estrutura da sociedade dualista e fatalista, construída e constituída numa relação causa e consequência em que valores são reafirmados numa perspectiva punitiva. Caso contrário, o sujeito será apenado por não atender aos ensinamentos daquilo que é considerado elemento da valorização social: honestidade e autoconfiança. Chama a atenção para a inadequação desses termos na formação discursiva que se constrói acerca da tolerância à diversidade. O pai é detentor de todas as virtudes e proporciona conselhos que poderão garantir um

comportamento aceitável na sociedade porque todo o enunciado é construído na perspectiva da manutenção da submissão do sujeito social. Se ele não se adequar aos padrões vigentes e ensinados pelo pai, ele sofrerá as sanções destacadas pelo enunciador: isolamento e até mesmo perder a confiança do mundo. O termo “mundo” pessoalizado impõe uma penalidade sem precedentes porque esse coletivo não considerará a possibilidade de não ser honesto, reforçando o deslize social.

O quarto enunciador (E4) concentra argumentos na valorização do acervo literário de João Ubaldo e, para tanto, dá ênfase ao livro. Vejamos o excerto:

Nesse livro eu gostei muito dos conselhos e acho que essa obra de João Ubaldo Ribeiro foi uma das melhores, pois João Ubaldo descreve os principais conselhos que seu pai lhe contou e resolveu escrever esse. Um texto chama a atenção pelo fato de não ter livro para passar os conselhos a diante. Em minha opinião, o livro é muito bom, mas poderia ter mais conselhos, pois todos os dez são ótimos e ele poderia ter relatado algo mais, pois dez é tão pouco que pessoas depois de ler adotam para sua vida de hoje e também é por essas e outras coisas que eu resolvi ler o livro. Dos principais conselhos da vida dele um dos que eu gostei mais foi ”reconheça suas falhas, mas não se humilhe”.
(E4 – 8ª série)

Oriundo da leitura do livro, o enunciado acima apresenta uma preocupação de não mais existir livros para ampliar os conselhos ou dar continuidade a eles, e um desejo do enunciador de que houvesse mais conselhos no livro. Esse contexto permite a constatação da manutenção de um discurso autoritário, já que pessoas deveriam adotá-lo em suas vidas. A ficção legitimando o discurso da vida real como referencial de conduta a ser seguida pelo leitor. Segundo o enunciador, é construída a imagem de sociedade em que o cidadão, com base nas normas, assumiria uma conduta social coerente aos padrões vigentes. Entretanto, a escolha do conselho pelo enunciador em destaque transgride o ideal de obediência às normas. Porque, se há falhas, não se atendeu com eficiência às normas.

O quinto enunciador (E5) estabelece um processo dialógico entre a ficcionalidade e os elementos da vida através do intertexto, especificamente por meio da paráfrase. Para além de uma leitura de decodificação, E5 externa a relação estabelecida entre ele e a obra de ficção e amplia esse diálogo através de uma releitura do texto literário, transversalizando temas da rotina de vida vivenciada por ele na relação com o pai. Dessa forma, ele cria um novo texto com novos conselhos. Vejamos:

Diz meu pai; meu filho estude, estude a cada dia mais, pois a base da vida é o estudo, pois todo o dia que eu saio para trabalhar ou para ir para a faculdade eu saio pensando só em você, pois quando você crescer quero você junto comigo, e minha mãe o conselho dela é para eu ser um bom menino para no futuro ser um bom homem e ter trabalho fixo. O pensamento é: que a base da vida é o estudo e o trabalho.

Desde que eu era pequeno, meu pai sempre gostou de empinar pipas e eu aprendi também. Sempre fui seu ajudante e ate hoje sou eu quem desembola a linha.

Segundo conselho foi de direção. Ele me ensinou a dirigir sempre com calma para não acontecer besteiras. Eu já dirigi dois carros de meu pai. O antigo era uma palio (Palio) ret, o novo agora é um palio weekend. Mesmo não sabendo diferença de potência, descobri que o motor da weekenknd tem mais potência, além do mais a weekenknd é mais bonita.

O terceiro conselho que ele me deu foi em uma festa, ele me disse para eu não ficar correndo atrás de mulheres, que cada um tem sua hora e que a minha hora vai chegar.

O quarto conselho que ele me deu foi de trabalhar com a mente antes de qualquer diversão e não deixar que ninguém me atrapalhasse. Ele sempre me disse um ditado que dizia: primeiro a obrigação para depois a diversão e ele sempre esteve certo nisto.

O quinto conselho foi de precaução. Sempre pedia para eu tomar cuidado no andar no meio de galeras, não me envolver com drogas, não andar por ruas escuras, nem só, muito menos mal acompanhado. Por exemplo, uma pessoa que quer me fazer mal. Que eu nunca negue ajuda, sempre ajudar o próximo.

O sexto conselho foi que eu estudasse para ser alguma coisa no futuro, e não precisar trabalhar longe da minha família como ele. Tudo que eu tenho hoje, ele não teve a metade. Ele pede muito para eu não me distrair e sempre me esforçar para passar direto, para ter oportunidade de emprego, uma grande carreira de sucesso. Pra eu ser feliz no futuro e para que eu tenha um carro melhor. Que eu possa fazer tudo que eu sempre quis com meu próprio dinheiro. Ele também me diz que eu tenho sorte e que eu nasci para brilhar.

O sétimo conselho foi de respeito: ele sempre me pediu para respeitar todo e qualquer tipo de mais velhos, as autoridades e que mais velhos vão me ensinar muita coisa como ensinaram a ele.

O oitavo conselho foi de diversão: ele me disse se divertir (que) é importante, mas sem desrespeitar ninguém que o direto de um começa quando o do outro acaba. Se divertir é bom pra saúde. A gente tem vídeo game, bicicleta, vamos a festa, jogamos bola, saímos de carro, mas fala pra sempre tomar cuidado com as brincadeiras para não acontecer uma tragédia para não machucar ninguém, pois ele se preocupa muito comigo. (E5 – 6ª série)

Os enunciados acima revelam as práticas discursivas cotidianas de valorização e reconhecimento da relação entre E5 com o pai. Nesse caso, percebemos a construção de um discurso permeado pelo machismo através da construção identitária do pai “herói” que o ensina princípios e valores sociais para que ele seja um cidadão do “bem”. Nessa

perspectiva, o homem deve se preocupar com bens materiais, com aspectos morais e sociais. Entretanto, no único momento em que faz referência a figura feminina, a posição do homem deve ser aguardar porque a ideia da mulher perfeita, idealizada, aparecerá na vida dele conforme orientação do pai. Esse discurso em particular, segundo Resende e Ramalho (2011), é legitimado em estilos de vidas projetados na construção de identidades e identificações³. A avaliação, uma das categorias dos princípios identificacionais, é perpassada ao longo de todo o enunciado. Todas as avaliações explícitas do pai para que o filho se torne “alguma coisa no futuro” são bastante questionáveis porque todo o embasamento para uma vida melhor perpassa pela aquisição dos bens materiais. Reforçando a ideologia de uma minoria dominante de que para ser aceito na sociedade, ele precisa possuir bens. A construção dessa representação é capciosa porque necessariamente as avaliações afirmativas do pai não se constituem como garantia de concretização do estilo de vida apresentado pelo pai.

Os sexto e sétimo enunciadores (E6 e E7) revelam um cenário diferenciado dos demais. Enquanto os enunciadores anteriores reportavam-se aos conselhos do pai, os enunciados seguintes apresentam a figura da mãe conselheira:

O pai do autor nunca deu estes conselhos da forma que está no livro, pois deu conselhos melhores e inclusive mostrou a ele como era que se fazia. Um dos conselhos que me chamou muito atenção foi “todos podem ter medo porem não pode ser medroso”. Esse conselho fala sobre tentar vencer o seu medo e me chamou atenção pois encoraja muitos, e lendo esse livro aprendi muita coisa legal como não ter vergonha. Esse livro é um verdadeiro conselheiro e cada página tem um conselho legal, transmite alto astral e mexeu muito com minha imaginação. A vontade de viver o que está escrito. Gostei do livro e aconselho todos a ler esse e outros. Não ser ignorante é aquela pessoa que diz que se conselhos fosse bom não dava, se vendia. Penso que não tem lógica por isso procuro sempre guardar os conselhos que me dão, principalmente os de minha mãe. Geralmente os pais, não agravando a todos, não são muito conselheiros, pois as mães conversam mais e tem um relacionamento melhor com seus filhos e por isso abordei mais os conselhos de minha mãe. (E6 – 8ª série)

O que irei apresentar são características que achei no livro, que é bem interessante e bem culto, e traz alguns ensinamentos para serem guardados durante grande parte de nossas vidas. Este livro me mostrou que quando paramos para pensar, podemos nos dar conta de como escutar nossos pais é produtivo, pois eles tentam nos ensinar

³Ainda segundo as autoras, as ordens do discurso são realizadas de formas diferentes e interligadas: gênero, nos significados e formas acionais do texto; os discursos, nos significados e formas representacionais e; e Estilos, nos significados e formas identificacionais.

grande parte daquilo que aprenderam para que não façamos as escolhas erradas e sim a escolha certa. Eu procuro sempre levar comigo conselhos que a minha mãe costuma passar pra mim, e o que mais mexe comigo é o que ela diz: nunca desista de seus sonhos, e lute bastante para se tornar aquilo que você sempre sonhou, porque com determinação alcançamos grandes resultados, e ao escutar tudo que ela passa pra mim sinto cada vez, mais vontade de alcançar meus objetivos e me tornar uma grande mulher como era minha vó e como é a minha mãe. E eu também sei que se eu quiser e tiver bastante determinação tenho um futuro extraordinário esperando por mim, mas também sei que posso chegar até lá se tiver bastante força de vontade e coragem para enfrentar obstáculos que são muitos mas estou disposta a enfrentar todos e chegar Lá em cima com bastante dignidade. (E7 – 8ª série)

A opção desses enunciadores, para estabelecer a relação da obra de ficção com a vida, é bem demarcada nos enunciados. As mães, em geral, estão mais próximas e atentas ao processo da educação familiar. Até mesmo porque, historicamente, esse legado constituía-se como uma das diversas atribuições para as mulheres na sociedade, especificamente, no exercício do papel social de mãe. No universo do discurso predominantemente patriarcal e machista, os enunciados acima destoam dos demais. Esses enunciadores protagonizaram vozes femininas que estão silenciadas, ocultas e sem expressividade. Há a presença de voz com o discurso altruísta, de enfrentamento das estruturas sociais dominantes.

Conclusão

A leitura, como dissemos no início deste texto, nunca foi uma prática encorajada, pelo menos de forma generalizada, entre as classes desfavorecidas. Ela era destinada a uma camada privilegiada, detentora do poder econômico e religioso. O livro *O nome da rosa* (1983), de Umberto Eco, denuncia esse processo de elitização e segregação da leitura. Abrir um livro e navegar sobre suas páginas é uma primeira ação em direção ao caminho da libertação. A leitura possibilita o encontro entre situações forjadas ficcionalmente e esquemas oriundos da experiência do mundo real. Os leitores, como aconteceu com os alunos do CEJUR, tiveram a oportunidade de exercitar essa experiência validando, confrontando, modificando, rejeitando ideias, conceitos, “conselhos”. Fizeram mais, reconstruíram suas leituras, produziram novos textos, ressignificaram seus argumentos, transformaram esses momentos de enunciações propostos pelos encontros em práticas efetivas de uso social da linguagem, pois lhes

foram oportunizadas a vivência e a práxis advinda do diálogo entre linguagem e sociedade. Não é à toa que, apesar das estratégias utilizadas na esfera oficial através de programas que oportunizam um acesso mais democrático à leitura, projetos como o desenvolvido pelo Núcleo de Leitura possibilitam a entrada de estudantes no universo da leitura. Consequentemente, abrem portas para que, pelo menos, os alunos de uma escola de periferia, num município periférico, alimentem-se do sonho de um futuro em que possam ser leitores críticos do mundo que o cercam e, desse modo, consigam intervir/interferir/modificar/transformar o espaço onde vivem/estudam.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CARDOSO, Sílvia H. B. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo; Ática, 1999.

ORLANDI, Eni P. Leitura: De quem, para quem? In: ABREU, Marcia. **Leituras no Brasil**: antologia comentada pelo 10º COLE. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1995.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane M. **Análise de Discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas/SP: Pontes Editora, 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Dez bons conselhos de meu pai**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

ROGERIO, Cristiane. João Ubaldo Ribeiro lança o livro infantil *Dez bons conselhos de meu pai*. **Crescer**, 14 abr. 2011. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI240268-10536,00-JOAO+UBALDO+RIBEIRO+LANCA+O+LIVRO+INFANTIL+IDEZ+BONS+CONSELHOS+DE+MEU+PAI.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

A ESCRITA AUTOBIOGRAFEMÁTICA DE *UM BRASILEIRO EM BERLIM*

Murillo Cesar da Silva¹

Resumo: este trabalho tem como objetivo destacar, a partir de autobiografemas presentes na escrita de *Um brasileiro em Berlim*, relatos da vivência do escritor João Ubaldo Ribeiro na Alemanha. Baseados em metodologia qualitativa, a partir da revisão de literatura dos estudos referentes ao espaço biográfico, partimos da noção de “biografema”, fixada por Roland Barthes (1990), bem como da ideia de “espaço biográfico”, discutida por Leonor Arfuch (2010), para compreendermos a noção de autobiografema que norteia a proposta da análise. Como resultado, apresentamos pormenores do escritor que promovem o desvelamento de um ser humano próximo da concretude da vida e mais distanciado de metafísicas ininteligíveis.

Palavras chave: Autobiografema; espaço biográfico; João Ubaldo Ribeiro; Um brasileiro em Berlim.

THE AUTOBIOGRAPHEMATIC WRITING OF A *BRAZILIAN IN BERLIN*

Abstract: this work aims to highlight, from autobiographemas present in the writing of *A Brazilian in Berlin*, João Ubaldo Ribeiro's reports about his experience in Germany. Based on qualitative methodology, we go from the review of studies relating to the biographical space to the notion of “biografema” fixed by Roland Barthes (1990) as well as the idea of “biographical space”, discussed by Leonor Arfuch (2010), to understand the notion of autobiografema, which guides the proposed analysis. As a result, we present writer's details that promote the unveiling of a human being close to the concreteness of life and more distanced from metaphysical unintelligible.

Keywords: Autobiografema; “biographical space”; João Ubaldo Ribeiro; *A Brazilian in Berlin*.

Introdução

O presente trabalho destaca relatos da vivência de João Ubaldo Ribeiro na Alemanha, a partir de autobiografemas presentes no texto *Um brasileiro em Berlim* (2011), objeto de nossa análise. Podem-se constatar na narrativa, que o escritor apresenta por meio de pormenores, passagens de suas estadias em Berlim e da relação

¹ Doutorando em Letras pela UFBA. Especialista em Ensino de Filosofia. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

com o pai e a avó paterna, figuras que foram fundamentais para seu desenvolvimento intelectual. Para a compreensão do que são esses pormenores, busca-se o referencial teórico de Roland Barthes (1990), que os denominou, em *Sade, Fourier, Loyola*, de “biografemas”. Barthes, na referida obra, expõe o desejo de ter sua vida reduzida, pelos cuidados de um biógrafo amigo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões.

A noção de autobiografema presente na escrita do texto em análise foi elaborada a partir do conceito de “biografema” fixado pelo autor supracitado, em intersecção com a ideia de “espaço biográfico”, discutida por Leonor Arfuch (2010). Desse espaço, procurou-se destacar, tão somente, o autobiográfico. Assim, compreende-se o autobiografema como uma noção que consiste nos pormenores – até então destituídos de significação – deixados pelo próprio autor, referentes aos diversos aspectos de sua vida narrada e que imprimem novos significados aos textos.

Em Berlim, as peripécias de um brasileiro João!

No texto, João Ubaldo inicia uma dura crítica às companhias aéreas responsáveis pelo itinerário Rio de Janeiro/Berlim. Com tom sarcástico, o escritor compara a “classe econômica”, na qual ele se encontra, a um “vagão de búfalos”. “Foi o que pensei, ao levantar-me, um pouco antes da hora do pouso, para batalhar com os outros búfalos por um lugar na fila do banheiro” (RIBEIRO, 2011, p. 5). Esse episódio evidencia o problema enfrentado por muitos clientes diante das falsas propagandas que empresas fazem de seus bens e serviços, mas que logo são reclamadas pela voz do escritor ao descrever os percalços de sua chegada à Alemanha.

No curso de umas duas horas, entramos numa fila de passageiros para Bangladesh, saímos no último instante para uma fila de turistas italianos interessados em visitar as vitrines de mulheres de Hamburgo, assinamos uma petição a favor da independência da Lituânia achando que estávamos nos inscrevendo na lista de passageiros para Berlim, quase nos incorporamos a um grupo japonês que ia conhecer a Bolsa de Frankfurt e, finalmente, escorregamos sem querer de uma esteira rolante que nos conduziria a Bad Homburg sem escalas e, ao levantarmos os olhos, nos achamos — milagre! (RIBEIRO, 2011, p. 5)

Um ponto fulcral na narrativa, que abre margem para discussões acerca de identidades fixas, consiste na ideia que muitos países europeus têm sobre a identidade

do povo brasileiro a partir da referência geográfica da floresta Amazônica, bem como dos índios que aqui habitam. Entretanto, João Ubaldo mostra que nem todo brasileiro conhece a Amazônia, e não é sempre que se esbarra facilmente com índios pelas ruas das cidades brasileiras. Por esse motivo, a autenticidade de ser brasileiro torna-se um problema, uma vez que

O fato de um brasileiro, como eu, confessar que nunca esteve no Amazonas (viagemzinha de umas seis horas a jato, ou mais, a partir do Rio de Janeiro), que só viu dois índios em toda a vida (um dos quais deputado federal, de terno e gravata) e que fala espanhol mal, eis que sua língua nativa é o português, deixa as pessoas dos outros países muito desapontadas, achando que estão lidando com um impostor, ou com um *mentiroso cínico*. (RIBEIRO, 2011, p. 9, grifo nosso)

O destaque aos adjetivos “mentiroso cínico” aparece, no texto, como referência à pessoa de João Ubaldo Ribeiro. Com tom bem humorado, o que, aliás, parece uma marca nas diversas passagens de sua vida presentes na narrativa, e que ratifica a afirmação de Paulo Markun quanto aos seus textos que, “carregados de humor, alfineta políticos, debocha de comportamentos e tenta decifrar a essência da nação brasileira” (RODA, 2001, p. 1), o escritor apresenta o diálogo com um antigo pescador da Ilha. Dessa maneira, João Ubaldo menciona:

Na ilha de Itaparica, onde eu morava no Brasil, minha fama de mentiroso deve-se muito — embora não inteiramente, pois, afinal, sou escritor e minto profissionalmente — aos invernos alemães, americanos e canadenses que testemunhei e descrevi. Uma vez, depois que contei como rios e cachoeiras ficam congelados, como se faz um buraco no gelo de um lago para pescar e como é ainda escuro às nove horas da manhã, um pescador amigo meu pôs as mãos em minha testa. — Só para ver se você não está com febre — explicou ele. — Eu lhe conheço desde menino e sei que você sempre gostou de umas invenções, mas desta vez está demais, só pode ser delírio de febre. Você acha que eu vou acreditar nessa conversa, eu sou besta? Eu posso não ter estudo como você, mas não sou besta. — Mas é verdade! O lago congela, o sujeito vai lá, serra um buraco no gelo, enfia a linha por ali e pesca. — E o peixe já sai congeladinho, escamadinho, desossadinho e empacotadinho, não sai, não? Não sai temperado também, não? Conversa, rapaz, não está vendo que não pode ser, que ninguém ia morar numa desgraça dum lugar desses? Essa conversa toda é chute, eu posso lhe provar logo que é chute. Quer ver? Por exemplo, esse negócio de ainda estar escuro às nove horas da manhã, você não disse que isso era na Alemanha? — Disse. — Pois então, pois aí que eu lhe provo. Eu posso desconhecer a Alemanha pela geografia, porque não sei onde fica, só sei que fica

distante. Mas pela fama eu conheço e todo mundo sabe que alemão é o povo mais organizado do mundo, depois do suíço. Por conseguinte, nenhum alemão ia admitir essa esculhambação. (RIBEIRO, 2011, p. 23).

Uma passagem em que se pode constatar a presença da criatividade brasileira, e que constitui um autobiografema dentre outros que aparecem em *Um brasileiro em Berlim*, refere-se ao fato curioso de João Ubaldo nomear as coisas, como a “Dona Frieda, nossa saudosa máquina de lavar, hoje aposentada e substituída por Olga, que é nova e boa, mas à qual realmente nunca nos afeiçoamos como a Dona Frieda” (RIBEIRO, 2011, p. 33), ou ainda associá-las a pessoas de estima da família. Assim, a fim de promover uma educação financeira aos filhos, para que eles obtivessem respeito pela moeda local, pois faz parte da cultura dos alemães, o escritor engendra um método pedagógico, associando as moedas a nome de pessoas que, segundo ele, parece eficaz.

Chegamos a fazer vários seminários domésticos para incutir respeito por um *pfennig*², mas não adiantou. Até que, Deus seja louvado, a famosa inventividade brasileira acabou por triunfar. Resolvemos dar um nome a cada moeda. Esta aqui é Frau Wein, a professora de meu filho Bento, na Hallensee Grundschule. Frau Wein é tão boazinha, você vai querer que ela fique rolando por aí? Esta aqui é o Marc, seu amigo na escola, você vai jogar o Marc pela janela? Esta aqui é nossa amiga Ute, você vai querer mesmo enfiar Ute no sabonete? Tem dado certo, se bem que fica difícil lembrar o nome de cada moeda, embora os meninos lembrem. (RIBEIRO, 2011, p. 14).

A busca por estratégias para solucionar determinados problemas que aparecem na cotidianidade da vida revela, de João Ubaldo Ribeiro, o ser criativo que patenteia o reconhecimento de renomado escritor no campo literário, ora despreocupado com a pontualidade nos compromissos. Seu desprendimento com a exatidão da hora e a ironia com a precisão e antecedência dos alemães com as coisas tornam-se evidentes quando ele recebe um convite para palestrar numa quarta-feira, 16 de novembro, às 20h30min. À procura de um meio para burlar a rigurosidade alemã na organização dos eventos e lembrar-se de algum outro compromisso no dia da palestra, João Ubaldo, como bom estrategista, recorre à esposa. Assim, o escritor, em diálogo bem humorado, relata:

Como alguém pode marcar alguma coisa com tanta precisão e antecedência, esses alemães são uns loucos. Mas não quis ser indelicado e, como sempre, recorri a minha mulher.

2 O *pfennig*, termo alemão, é traduzido para o português como centavo.

— Mulher — disse eu, depois de pedir que o telefonador esperasse um bocadinho. — Eu tenho algum compromisso para o dia 16 de novembro, quarta-feira, às 20h30?
— Você está maluco? — disse ela. — Quem é que pode responder a esse tipo de pergunta?
— Eu sei, mas tem um alemão aqui querendo uma resposta.
— Diga a ele que você responde amanhã.
— E quando ele telefonar amanhã? Ele é alemão, ele vai telefonar amanhã, ele não sabe o que quer dizer amanhã.
— Ah, esses alemães são uns loucos. Você é escritor, invente uma resposta poética, diga a ele que a vida é um eterno amanhã. (RIBEIRO, 2011, p. 16).

Muitos talvez associem a despreocupação do autor ao estereótipo do baiano: preguiçoso e preocupado apenas com os festejos carnavalescos e as comemorações ecumênicas das lavagens de escadarias com banhos de alfazema e pipoca. Contudo, esse detalhe revela muito de João Ubaldo Ribeiro, que “quase sempre de bermudas e sandálias. Dividido entre o trabalho e a preguiça” é atualmente “considerado um dos nomes mais importantes da literatura brasileira contemporânea” (RODA, 2001, p. 1). Sua escritura transita entre a erudição, característica da literatura canônica, e o regionalismo, que apresenta o cotidiano do povo brasileiro em seus diversos aspectos.

O destino de João Ubaldo Ribeiro para a produção literária fora traçado por duas figuras fundamentais em sua formação enquanto leitor e escritor. Seu pai, Manuel Ribeiro, e sua avó paterna, D. Amália. Na narrativa, o escritor apresenta, em traços autobiográficos, o papel que esses dois entes exerceram em sua construção intelectual. Do pai, herdou a erudição a partir das leituras que lhe eram impostas; da avó, as leituras de romances-folhetins. Assim narra João Ubaldo:

Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na *Ilíada*. (RIBEIRO, 2011, p. 38)

O conjunto de obras apresentado pelo escritor denuncia a afiliação de seu pai às preferências canônicas dos clássicos literários. A priorização de Manuel Ribeiro a determinadas leituras aproxima-se com o que Edward W. Said (2007) discute em sua obra *Humanismo e crítica democrática*. Ao analisar o programa de “Humanidades

Ocidentais” da Universidade de Columbia, que fora assim batizado para distingui-lo do programa de “Humanidades não-Ocidentais”, “Orientais” ou “do Leste”, Said (2007, p. 21, grifo nosso) destaca que:

A idéia de que todo estudante de primeiro ou segundo ano deve fazer esse curso rigoroso de quatro horas por semana tem sido absolutamente, talvez até inabalavelmente, central e, sob todos os aspectos, positiva para uma educação superior em Columbia, tanto pela qualidade indiscutível e fundamental das leituras – Homero, Heródoto, Ésquilo, Eurípides, Platão e Aristóteles, a Bíblia, Virgílio, Dante, Santo Agostinho, Shakespeare, Cervantes e Dostoiévski – quanto pela grande quantidade de tempo despendida não só nesses autores e livros difíceis, mas em *defender a importância de sua leitura para o mundo em geral*.

Assim como se encontra em Said a ideia de se defender, no programa de “Humanidades Ocidentais” da Universidade de Columbia, a importância de determinadas leituras para o mundo, Manuel Ribeiro buscou impor a leitura de autores clássicos como obrigatoriedade na educação de João Ubaldo Ribeiro. Entretanto, ele enfrentou certa resistência da mãe, D. Amália, e avó do menino Ubaldo, quando tentou impedi-la de permitir que ele lesse algumas referências consideradas inúteis, o que pode ser constatado nas regras impostas pelo cânone que relega algumas literaturas à condição de marginais. Assim procede a discussão:

— D. Amália — dizia ele, tratando-a com cerimônia na esperança de que ela se imbuísse da necessidade de atendê-lo —, o menino vai com a senhora, mas sob uma condição. A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê.

— Senhor doutor — respondia minha avó —, sou avó deste menino e tua mãe. Se te criei mal, Deus me perdoe, foi a inexperiência da juventude. Mas este cá ainda pode ser salvo e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem. Levo o menino sem condição nenhuma e, se insistes, digo-te muito bem o que podes fazer com tuas condições e vê lá se não me respondes, que hoje acordei com a ciática e não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de um que se atreva a chatear-me. Passar bem, Senhor doutor. (RIBEIRO, 2011, p. 39)

Percebem-se, nesse diálogo, as condições impostas por Manuel Ribeiro e seu ataque preconceituoso às coisas que D. Amália lia e, imediatamente, o contra-ataque indignado dela ao filho. O que se pode verificar é que João Ubaldo adorava estar com a avó e curtir as regalias que ela lhe proporcionava. Enquanto seu pai o proibia de determinadas leituras, ela não o censurava. Assim, após a discussão entre as duas

figuras determinantes em sua vida, João Ubaldo descreve no texto como era sua partida para a casa de D. Amália:

E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade, que ficava num parque perto da casa dela e cujo dono já estava acostumado àquela dupla excêntrica. Nós íamos chegando e ele perguntava:

— Uma de cada?

— Uma de cada — confirmava minha avó, passando a superintender, com os olhos brilhando, a colheita de um exemplar de cada revista, proibida ou não proibida, que ia formar uma montanha colorida deslumbrante, num carrinho de mão que talvez o homem tivesse comprado para atender a fregueses como nós. — Mande levar. E agora aos livros! Depois da banca, naturalmente, vinham os livros. Ela acompanhava certas coleções, histórias de “Raffles, Arsène Lupin”, Ponson du Terrail, Sir Walter Scott, Edgar Wallace, Michel Zevaco, Emilio Salgari, os Dumas e mais uma porção de outros, em edições de sobrecapas extravagantemente coloridas que me deixavam quase sem fôlego. Na livraria, ela não só se servia dos últimos lançamentos de seus favoritos, como se dirigia imperiosamente à seção de literatura para jovens e escolhia livros para mim, geralmente sem ouvir minha opinião — e foi assim que li Karl May, Edgar Rice Burroughs, Robert Louis Stevenson, Swift e tantos mais, num sofá enorme, soterrado por revistas, livros e latas de docinhos e bolachinhas, sem querer fazer mais nada, absolutamente nada, neste mundo encantado. (RIBEIRO, 2011, p. 40)

Esses detalhes, apresentados pela escrita autobiografemática de *Um brasileiro em Berlim*, permitem-nos conhecer um pouco mais o escritor João Ubaldo Ribeiro. Com simplicidade, ele descreve passagens de momentos em que se encontrava na Alemanha a convite da DAAD³, e da relação com pessoas que foram essenciais para a construção do ser intelectual e que disponibilizaram as ferramentas – refiro-me ao arsenal de referências literárias, sejam elas clássicas ou não clássicas – para revelar o talento do escritor.

Considerações finais

A partir da análise, o que chama a atenção é o fato de João Ubaldo não apresentar os eventos glamorosos dignos de um escritor de renome, mas os pormenores que promovem o desvelamento de um ser humano próximo da concretude da vida e mais distanciado de metafísicas ininteligíveis. Não é o conjunto dos clássicos da

3 Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico.

literatura que está, tão somente, em evidência no capítulo “Memória de livros”, mas, sobretudo, a relação de revistas, proibidas ou não proibidas, que D. Amália o fazia desfrutar. São os docinhos e bolachinhas espalhados em meio aos livros e revistas no grande sofá da casa. É a defesa das preferências literárias, promovida por D. Amália e Manuel Ribeiro. São as estratégias para burlar a rigurosidade alemã com o horário dos compromissos. É o método pedagógico criado para a educação financeira dos filhos, dentre outros.

Enfim, João Ubaldo Ribeiro é um escritor contemporâneo reconhecido nacional e internacionalmente, é brasileiro e filho da paradisíaca Ilha de Itaparica. Apresentou o Brasil como fiel nacionalista e fez questão de referenciar sua gente, proferindo as belas palavras: *Viva o povo brasileiro!* Com certo saudosismo, traz em sua reminiscência marcas de um tempo que não volta mais e que, no entanto, permanece vivo quando declara:

Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que se entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju. (RIBEIRO, 2011, p. 40-41).

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2010.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Organização Ray-Güde Mertin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 49 f. Recurso eletrônico.

RODA Viva. João Ubaldo Ribeiro. **Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 19 fev. 2001. Programa de TV. Entrevista concedida ao programa. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/524/entrevistados/joao_ubaldo_ribeiro_2001.htm>. Acesso em: 29 dez. 2014.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.